

Poema do Homem Só

Â Â Â Â

"SÃ³s,
irremediavelmente sÃ³s,
como um astro perdido que arrefece.
Todos passam por nÃ³s
e ninguÃ©m nos conhece.

Os que passam e os que ficam.
Todos se desconhecem.
Os astros nada explicam:
Arrefecem

Nesta envolvente solidÃ£o compacta,
quer se grite ou nÃ£o se grite,
nenhum dar-se de outro se refracta,
nenhum ser nÃ³s se transmite.

Quem sente o meu sentimento
sou eu sÃ³, e mais ninguÃ©m.
Quem sofre o meu sofrimento
sou eu sÃ³, e mais ninguÃ©m.
Quem estremece este meu estremecimento
sou eu sÃ³, e mais ninguÃ©m.

dÃ£o-se os lÃ¡bios, dÃ£o-se os braÃ§os
dÃ£o-se os olhos, dÃ£o-se os dedos,
bocetas de mil segredos
dÃ£o-se em pasmados compassos;
dÃ£o-se as noites, e dÃ£o-se os dias,
dÃ£o-se aflitivas esmolos,
abrem-se e dÃ£o-se as corolas
breves das carnes macias;
dÃ£o-se os nervos, dÃ¡-se a vida,
dÃ¡-se o sangue gota a gota,
como uma braÃ§ada rota
dÃ¡-se tudo e nada fica.

Mas este Ã¡ntimo secreto
que no silÃªncio concreto,
este oferecer-se de dentro
num esgotamento completo,
este ser-se sem disfarce,
virgem de mal e de bem,
este dar-se, este entregar-se,
descobrir-se, e desflorar-se,
Ã© nosso de mais ninguÃ©m."

AntÃ³nio GedeÃ£o, in Teatro do Mundo